

Editorial

O conselho editorial da Temporalidades, revista discente do programa de pós-graduação em História da UFMG, tem o prazer de publicar o segundo número do seu sétimo volume, configurando sua 17ª edição.

Dando continuidade à prática iniciada na edição passada, trazemos um número com quantidade expressiva de contribuições (tanto para o dossiê, como para a seção de artigos livres), o que, nos parece, reflete uma pujança da produção historiográfica de pós-graduandos e graduandos no Brasil. Dessa forma, o presente número é composto por 17 artigos para o dossiê temático, 1 entrevista, 12 artigos para a seção livre e 1 resenha.

Acreditamos que a grande quantidade de textos aptos à publicação em um periódico acadêmico expressa os objetivos fundamentais da Revista Temporalidades. Sendo uma publicação discente, a revista objetiva contribuir para a divulgação dos trabalhos de pesquisadores iniciantes ou aprendizes – sejam eles graduandos ou pós-graduandos –, ajudando também a aprimorar estes trabalhos através do cultivo da prática da revisão por pares – um modo fundamental de avanço da pesquisa histórica. No entanto, não queremos com isso sinalizar que a Temporalidades está fechada a textos de pesquisadores já estabelecidos ou consagrados. Ao contrário, acreditamos que o recebimento e a publicação de trabalhos de professores atestam a qualidade do trabalho desenvolvido até aqui pelos editores que nos antecederam – ao qual tentamos fazer justiça com este novo número.

A qualidade dos textos publicados neste número comprova, e é preciso dizê-lo com coragem, que a manutenção de certas hierarquias acadêmicas e de saber nem sempre se coaduna a práticas de pesquisa histórica autônomas e críticas. Os textos que ora apresentamos têm em comum – para além da óbvia diversidade de objetos e problemas específicos – a inventividade crítica no trato com a historiografia e com a teoria. Nesse sentido, demonstram como o conhecimento histórico, se ele pretende ter alguma razão social e política que o justifique para além dos muros da academia, necessariamente funda no presente seu olhar sobre os homens, mulheres e demais pessoas não-binárias do passado.

Não é por outra razão que os textos publicados neste número são prenes de vida, ainda que de vidas tão violentamente marcadas, disciplinadas e violentadas no ontem. Ainda que tal observação possa parecer um truísmo, retomamos aqui algumas considerações do historiador francês de Marc Bloch, em seu livro *Apologia da história: ou o ofício do historiador*, sobre o tempo e os modos de fazer do historiador:

O presente e o passado se interpenetram. A tal ponto que seus elos, quanto à prática do ofício de historiador, são de sentido duplo. Se, para quem quer compreender mesmo o presente, a ignorância do passado deve ser funesta, a recíproca – embora não se esteja sempre tão nitidamente alertado – não é menos verdadeira.¹

Assim, o conhecimento do passado e do presente imbricam-se na leitura dos textos ora publicados. Sentimento que, aliás, esteve por trás de todo o trabalho de produção mobilizado por nós do conselho editorial e, acreditamos, dos pareceristas convidados. Se desejamos produzir e divulgar um trabalho historiográfico fértil de implicações para a reflexão sobre nosso tumultuado presente, não desejamos fazê-lo às custas das boas regras do rigor acadêmico e da pesquisa. E, neste sentido, como em outros, a contribuição dos e das pareceristas foi de suma importância.

Como bem ressaltou a professora Regina Horta Duarte, em seu último editorial para a revista *Varia Historia*, o/a parecerista tem um trabalho crucial para o funcionamento não só das publicações para as quais contribuem, mas para o conhecimento histórico mais amplamente. Há que se ressaltar a gentileza de profissionais que aceitam realizar um trabalho não só não remunerado, mas cujos frutos ficam normalmente obscurecidos. Pois, se é verdade que as observações e análises de pareceristas proporcionam o amadurecimento dos textos dos autores (seja pela proposição de diálogo com certa bibliografia, seja pelo nuançar das questões postas no texto), é também verdadeiro que estas contribuições não se evidenciam no texto final, que aparece todo como um trabalho solitário do autor ou autora. A importância das análises dos pareceristas permanece um segredo compartilhado por autor, editor e parecerista. Não obstante tudo isto, os/as pareceristas exercem o papel fundamental de tribunal informal do conhecimento histórico. Ao analisar e avaliar os textos recebidos,

¹ BLOCH, Marc. *Apologia da história: ou o ofício do historiador*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001, p. 65, nota 28.

têm uma opinião fundamental no seu aceite ou não para a publicação em determinado periódico.² Portanto, cabe aqui um agradecimento sincero às professoras e aos professores pareceristas para este número.

Como sinalizado acima, a presente edição compõe-se de um grande número de textos, o que é um passo a mais que damos, como Conselho Editorial, no sentido de ampliar o legado deixado pelos conselheiros das gestões anteriores. Esperamos, com isso, contribuir para a consolidação da Temporalidades como um importante veículo para a divulgação dos trabalhos de jovens historiadoras e historiadores. É neste sentido que, pela primeira vez, organizamos um evento acadêmico para marcar o lançamento de um número da revista. Pretendendo uma maior divulgação do periódico no meio acadêmico de Minas Gerais, transcendendo, inclusive, as barreiras disciplinares. Realizaremos, no dia 06 de outubro de 2015, uma mesa-redonda para debater questões levantadas pelo dossiê temático da presente edição. Compondo-a, teremos a honra de receber a professora Luzia Margareth Rago, da Unicamp, referência nos estudos históricos das mulheres, do feminismo, do gênero e da sexualidade – que também nos agraciou com a apresentação do dossiê -, pela professora e artista Sarug Dagir Ribeiro, da UFOP, pesquisadora nas áreas de letras, literatura e psicologia, tendo sido entrevistada para o dossiê, e pela pesquisadora Eliza Teixeira de Toledo, doutoranda em História das Ciências e da Saúde pelo COC-Fiocruz, autora de um dos artigos componentes do dossiê.

É igualmente com vistas à ampliação do escopo compreendido pela Temporalidades que apresentamos o dossiê temático *Gênero e sexualidade na História*. Fugindo um pouco à tradição de dossiês alinhados às linhas de pesquisa que compõem o Programa de Pós-graduação em História da UFMG, o presente dossiê defini-se pela transdisciplinaridade, ao reunir artigos que transitam pelas dimensões culturais, políticas, científicas e teóricas transversais às investigações históricas sobre o gênero e a sexualidade. Partimos de um desejo por textos que as abordassem de modo inovador e em ruptura com o binarismo típico da

² DUARTE, Regina Horta. Editorial: o “tribunal de recursos” da lógica histórica. *Varia Historia*, Belo Horizonte, v. 31, n. 56, maio-agosto 2015. Captado em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-87752015000200321&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em 14 set. 2015.

heterossexualidade compulsória tão marcante do pensamento ocidental. Nesse sentido, podemos dizer que a composição do dossiê foi bastante satisfatória.

O dossiê temático inicia-se com uma estimulante apresentação da professora Margareth Rago (UNICAMP) – também organizadora do mesmo. Referência na área de estudos da história das mulheres, das relações de gênero e da sexualidade no Brasil, Rago encontra-se em posição estratégica para fazer um balanço do campo, pensar suas perspectivas futuras e articular ambas as instâncias aos artigos aqui publicados. Aproveitamos o momento para, mais uma vez, lhe agradecer pela gentileza em aceitar nosso convite para organizar o dossiê e por tê-lo feito brilhantemente.

O primeiro artigo do dossiê temático intitula-se *Gênero, corpo e sexualidade: as narrativas de processos-crime na Fortaleza do século XX*, de autoria de Idalina M. Almeida de Freitas. A autora busca compreender de que maneira se deu a influência de determinados discursos e práticas na construção histórica dos gêneros, dos corpos e da sexualidade na Fortaleza - CE do início do século XX por meio da análise das narrativas contidas nos processos criminais desta localidade.

Em seguida, temos o artigo *Pobreza, criminalidade e questões de gênero na “Cidade Verde”*, de Camila Melo Silveira da Silva. Em seu texto, a autora traz à luz as representações sociais sobre as mulheres pobres de Teresina - PI envolvidas em crimes entre os anos 1890 e 1920. Usando um variado corpo documental, Camila Melo Silveira da Silva articula práticas jurídica-policiais vigentes no referido recorte temporal da cidade, a questões sobre o “ser mulher”, poder, pobreza e feminilidades desviantes.

Com o artigo *História e gênero nas ruas: representações do feminino nas nomeações de logradouros em Londrina – PR*, o autor Bruno Sanches Mariante da Silva, pressupondo que, ao se nomear ruas e praças de uma cidade, está se dotando de significação aquele elemento urbano, ao passo que, celebra-se, concomitantemente, aquele acontecimento ou personagem ali representado, investiga os logradouros batizados com nomes de mulheres, visando discernir quais as representações de gênero que foram criadas e explicitadas no espaço urbano.

O artigo *Lugares de diversão e repressão: violência policial contra homossexuais no Brasil (1978-1981)*, do autor Victor Hugo da Silva Gomes Mariusso, analisa as formas de violência contra aqueles que se comportam fora da norma heterossexual vigente na sociedade Brasileira. Para

tanto, o autor investiga as ações policiais no período de declínio da ditadura militar no Brasil, mais especificamente de 1978 a 1981, ano de circulação do primeiro jornal feito por homossexuais a circular nacionalmente no país e que serviu como fonte privilegiada para esta análise.

Em sequência, o autor Luís Felipe Gonçalves do Nascimento, em seu artigo *A geração de 70: sobre expressões do amor na sociedade de 1970 no Brasil*, investiga as subjetivações amorosas da geração de 1970 a partir da poesia marginal. A partir de uma contextualização histórica do tema do amor no Ocidente e da conjuntura brasileira na década de 1970, o autor estuda a poesia de Ricardo de Carvalho Duarte (Chacal) e Ana Cristina César como forma de ilustrar a mentalidade da geração marginal, expressa na poética da década de 70.

No texto *A dissolução da identidade em corpos complexos: Para além do binarismo masculino/feminino*, o autor Ederson Luís Silveira se interroga sobre como ocorrem as subjetivações de gênero enquanto *locus* de início dos processos de formação de identidades a partir da (des)identificação social, entendendo que a (des)construção da identidade está associada aos cuidados e às representações do corpo a partir da subjetividade. Como corpo documental, o autor usa sequências discursivas extraídas de entrevistas com o cartunista Laerte Coutinho veiculadas em meios midiáticos, mostrando como as identidades na pós-modernidade não podem ser mais vistas como fixas, imutáveis e homogêneas.

Alane Sousa Ferreira escreveu o artigo *As questões de gênero no interior do Partido Comunista do Brasil - PCB (1928-1947)*, em que analisa as posições e deliberações do Partido Comunista do Brasil (PCB) com relação às mulheres, assim como as iniciativas do PCB em criar organizações femininas, buscando compreender de que maneira as mulheres estavam inseridas nos projetos de transformação da sociedade defendidos pelo Partido entre 1928 e 1947. Usando como fonte principal para a pesquisa o jornal *A Classe Operária*, a autora questiona como o PCB, embora reproduzisse valores vigentes à sociedade, o que o levou a não colocar a organização política das mulheres como central nas suas ações, também desenvolveu atividades que foram precursoras e contribuíram para sua inserção no cenário político do Brasil.

No artigo *Garçonizando-se: o fazer-se melindrosa*, a autora Larissa Brum Leite Gusmão Pinheiro cria o conceito de *garçonização* para compreender o processo pelo qual as mulheres

passavam para tornarem-se melindrosas, podendo desfrutar de novas formas de subjetividade. Este processo é contextualizado pela investigação das transformações sociais e culturais (destacando-se as das relações de gênero) sofridas pela sociedade do Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX. Para realizar este estudo, a autora investiga as questões de gênero relacionadas às melindrosas, elaboradas pelo artista J. Carlos na revista ilustrada *Para Todos....* no período de 1920.

No artigo *História, sexualidade e loucura: as psicocirurgias no Hospital Psiquiátrico de Juquery sob o prisma de gênero (1936-1951)*, a autora Eliza Teixeira de Toledo analisa a aplicação de psicocirurgias em pacientes mulheres de 1936 a 1951 no Hospital Psiquiátrico de Juquery situado em Franco da Rocha, São Paulo, problematizando, pelo viés do gênero, a incidência de psicocirurgias nesse público específico. A autora se baseia principalmente na obra *Tratamento cirúrgico de moléstias mentais (leucotomia)* (1951), compilação de artigos sobre a aplicação da leucotomia e suas variações no Hospital de Juquery dirigida pelos médicos Mário Yahn, A. Mattos Pimenta e Afonso Sette Junior.

Com o artigo *Famílias de vidro: representações de gênero e papéis sociais em retratos de família em negativos de vidro (1910-1940)*, a autora Francieli Lunelli Santos tece análises de gênero sobre as representações sociais contidas em retratos de família produzidos entre 1910 a 1940 em Ponta Grossa-PR. A autora observa que, em tais fontes visuais, os gêneros não se destacam por disputas, mas sim pelo apoio que um dá ao outro na representação, de modo que estão excluídos, nos retratos, elementos de desacordo e conflito. A autora conclui que há uma tentativa de destacar a harmonia da família.

O artigo seguinte, com o título *El honor como estrategia simbólica de reproducción social en la sociedad venezolana de los siglos XVIII y XIX*, de autoria de Jhoana Gregoria Prada Merchán, estuda o conceito de honra nas sociedades coloniais e independentes da América hispânica (especialmente a venezuelana), entendendo-o como uma prática simbólica de reprodução social que funcionou como categoria de classificação moral e de mobilidade social. A autora entende que a honra feminina, fundamentada na honra sexual, especialmente, funcionou como garantia de negociação para consolidar alianças e vínculos sociais.

Em *A questão da identidade da “mulher” e a necessidade de um “feminismo negro”*, a autora Vera Tatiana dos Reis Monteiro Gomes aborda a problemática entre igualdade e diferença,

enfocando a necessidade de se abalar posições binárias para o masculino e o feminino e de se rediscutir a política feminista no cenário das identidades em constante desliz. A autora enfatiza ainda a importância de se pensar de maneira articulada a intersecção das variáveis de gênero e raça para atender demandas específicas e potencializar a construção de uma sociedade multirracial e pluricultural.

No artigo *Cartas ao órgão de censura, na década de 1970: uma análise a partir das categorias de recepção e gênero*, o autor Thiago de Sales Silva se debruça sobre cartas encaminhadas ao órgão de censura, a *Divisão de Censura e Diversões Públicas* (DCDP), para compreender o processo de recepção à televisão e, mais particularmente, às telenovelas por parte dos missivistas, em articulação com a categoria de gênero. O autor mostra como as noções de feminino e masculino se tornaram objeto de preocupação, por parte da audiência, tendo em vista modelos de comportamento e conduta apresentados nas narrativas televisivas.

Em *Evidências de masculinidades na educação salesiana em Juazeiro do Norte – Ceará (1939-1942)*, o autor Cícero Edinaldo dos Santos investiga a Educação Salesiana em Juazeiro do Norte, Ceará, no período de 1939 a 1942, focalizando o contínuo processo de generificação dos padres-professores e jovens-alunos. Usando do conceito de masculinidade hegemônica, o autor destaca a inter-relação das masculinidades no âmbito educacional, percebendo-as como categorias históricas, não-homogêneas, inerentes as relações de poder e concluindo que o “ser homem”, era legitimado a partir de normatizações do “fazer”.

O último artigo do dossiê tem o título *Movimento LGBT, a memória de um espaço - tempo – humano* e é de autoria de Mariana Quadros Gimenez. Em seu texto, a autora percorre os caminhos do que considera a memória (um importante elemento para a construção da história) que vem sendo construída pela comunidade LGBT brasileira no século XXI, analisando como esta comunidade logra elaborar uma memória própria de um passado que, historicamente, lhes foi negado e silenciado.

Finalmente, fechamos o dossiê temático com a entrevista com a professora e artista Sarug Dagir Ribeiro (UFOP), em que ela comenta, com sensibilidade intelectual e política, seu processo de transexualização, sua pesquisa de mestrado desenvolvida na Faculdade de Letras da UFMG e as implicações de ambas para seu posicionamento no mundo e na academia. Trazendo um olhar transdisciplinar, uma vez que transitou por áreas como a

psicologia e a literatura, a professora nos concedeu uma entrevista estimulante para pesquisadoras e pesquisadores das temáticas de gênero e sexualidade.

Além do dossiê temático, esta edição também traz uma diversidade de artigos livres que discorrem, sempre de modo rigoroso, crítico e criativo, sobre assuntos de interesse para muitas áreas do saber histórico.

Raylane Marques Sousa, no artigo *Nietzsche, pensador crítico da ciência e da história na modernidade*, discute a crítica do filósofo à ciência e à ciência histórica na modernidade. Partindo da investigação dos problemas que acometem a ciência moderna, salienta alguns dos motivos que levaram Nietzsche a fazer uma apreciação negativa da ciência moderna, assim como da ciência histórica.

No artigo *Raymundo Faoro e seus contemporâneos: as apropriações de Os donos do poder na imprensa e as oposições à ditadura militar em meados dos anos 1970*, Gabriel Amato Bruno de Lima problematiza o pensamento político de autor reexaminando a sua trajetória. O estudo é pensado a partir da representação do intelectual e jurista Raymundo Faoro e das apropriações da segunda edição de sua obra canônica, lançada em 1975, em que o itinerário político de Faoro é analisado no contexto das oposições ao regime militar em meados dos anos 1970.

Em *História da formação de professores no Brasil colônia e império: um resgate histórico*, Márden de Pádua Ribeiro propõe uma pesquisa bibliográfica que visa o resgate histórico da formação de professores do período colonial e imperial do Brasil. Tem como marco temporal a chegada dos jesuítas, em 1549, e indo até a proclamação da República, em 1889. Entre outras questões, coloca-se a pergunta de como teria se consolidado a formação de professores no Brasil, nos períodos mencionados.

Portugal em África: o governo do Comissário-Régio Antônio Ennes em Moçambique e seu discurso colonial (1895-1896), artigo de Thiago Henrique Sampaio tem o objetivo de analisar a administração do comissário-régio Antônio Ennes na colônia de Moçambique. Nesse sentido, acompanhou o pensamento colonial de Ennes para desenvolvimento da província ultramarina no período, destacando que Portugal, historicamente país colonizador, não tinha condições econômicas e nem militares para empregar uma modernização na sua política colonial.

Em *O Império do Brasil e os Estados do Rio da Prata diante da Farroupilha (1835 – 1845)*, William Zolinger Fujii examina as relações do Império do Brasil com os Estados platinos durante a Guerra dos Farrapos, ao chamar a atenção para o impacto da revolta separatista ocorrida na província meridional no tabuleiro da região entre os anos 1835 e 1845. Ao fazê-lo, também se considera as ações dos governos e das facções políticas da região, incluindo as dos próprios farrapos.

Ana Paula Dutra Bôscaro, autora de *Senhores de poucos escravos: análise de uma área periférica – Alto do Termo da Borda do Campo – MG – século XIX*, apresenta os resultados iniciais de uma pesquisa da análise da composição social dos domicílios presentes no Alto do Termo da Borda do Campo, Comarca do Rio das Mortes, Minas Gerais, no século XIX. A partir da análise da Lista Nominativa para o ano de 1831, buscou-se expor as principais características sócio-demográficas destes pequenos proprietários, bem como apresentar algumas particularidades das pequenas escravarias presentes na região.

Em *O tratamento pedagógico do patrimônio cultural nos livros didáticos de História Regional e as premissas para o ensino de história nos anos iniciais*, as pesquisadoras Danielle da Silva Ferreira, Marta Margarida de Andrade Lima e Maria Ângela de Faria Grillo buscaram analisar os aspectos teórico-metodológicos que fundamentam o ensino de história nos anos iniciais da escolarização básica. Para isso, teve também lugar a problemática da utilização do conhecimento histórico sobre o Patrimônio Cultural como arcabouço epistemológico para fundamentar as práticas educativas nesse nível.

Amanda Muniz Oliveira, Joanna Ribeiro Nogueira e Alexandre Santos Melo Bastos, em *História e Psicologia Analítica: da objetividade à subjetividade e os modos de sentir do homem e da sociedade*, trataram da relação epistemológica entre História e a Psicologia Analítica de Carl G. Jung. Diante disso, buscaram avaliar as estruturas de funcionamento dos dois campos, a fim de evidenciar as diferenças e, principalmente, as similitudes entre eles, discutindo as relações análogas entre a História das Mentalidades e os Arquétipos e Inconsciente Coletivo do pesquisador suíço.

Em *Iconologia e iconografia no estudo da arte paleocristã*, Cláudio Monteiro Duarte propõe um exercício metodológico de aproximação entre duas abordagens da História da arte, a iconologia e a iconografia, aplicando-as a alguns temas e objetos da arte paleocristã, na busca

da elucidação de seu significado. São propostas reflexões sobre a semelhança de um dos esquemas compositivos estudados por Erwin Panofsky com o simbolismo geométrico da Trindade citado por Louis Réau.

Sobreviver e se organizar: a classe trabalhadora e os movimentos contra a carestia no Rio de Janeiro(1913-1917) é o título do artigo de Kaio César Goulart Alves que busca compreender o processo de organização da classe trabalhadora do Rio de Janeiro Para tal, por meio do estudo de jornais operários e da grande imprensa do Distrito Federal, o autor analisa a relação existente entre os movimentos contra a carestia, promovidos nos anos de 1913 e 1917, e a propaganda e a formação de associações de tipo sindical.

Em “*O homem forte, todo o mundo tem por pátria*”: a construção do homem mundanus em Antônio Vieira, Gil Eduardo de Albuquerque Macedo ocupa-se da figura de jesuíta português. Envolvido em grandes polêmicas, Vieira é conhecido pela defesa e apologia do Império Português, o que levou o estudo a se dividir em duas correntes: compreensão da construção dos conceitos de homem e mundo vieiriano e sua relação com a tradição profética portuguesa. Um dos homens notáveis da história e cultura lusitana, seu legado pode ser atestado em diversas documentações, tais como cartas, sermões e textos proféticos.

No artigo *A epidemia de gripe espanhola de 1918 na "Metrópole do Café": a partir do diálogo entre Washington Luís e Altino*, os pesquisadores Leandro Carvalho Damascena Neto e Lara Alexandra Tavares da Costa apresentam um possível diálogo entre o Diário Íntimo de Altino Arantes – naquele momento presidente do Estado de São Paulo – e o Relatório Oficial sobre a epidemia de gripe espanhola de 1918 no município de São Paulo. O estudo também se valeu do ofício nº 477, expedido pelo Prefeito da Capital Paulista Washington Luís Pereira de Souza, e ressalta algumas obras historiográficas produzidas a respeito da historiografia das doenças.

Por fim, a Temporalidades apresenta uma resenha de Anne Elise Reis da Paixão sobre a obra *As Irmandades de São Miguel e as Almas do Purgatório: culto e iconografia no Setecentos mineiro*, publicação referente a tese de doutoramento, em 1994, da Profa. Dra. Adalgisa Campos, junto ao Departamento de História da Universidade de São Paulo. O estudo de Adalgisa Campos tem como escopo a análise do culto às “Almas Santas” através de uma rica análise documental, sobretudo iconográfica. Esta fecunda gama documental permite ao leitor uma

abordagem mais ampla sobre o tema, especialmente no tocante à religiosidade. Ao longo do livro, a historiadora coteja a documentação levantada com trabalhos consagrados sobre devoção cristã, com destaque para os estudos dos historiadores Jacques Le Goff e Michel Vovelle.

Desejamos a todos e todas uma ótima leitura!

Cássio Bruno de Araujo Rocha
Valdeci da Silva Cunha